

**O FENÔMENO DO SUICÍDIO NA TRIBO SOROWAHÁ: PARTICULARIDADES E
GENERALIDADES**

Jade F. Moura

Fernando F. dos S. e Reis

Centro Universitário de Anápolis – UniEVANGÉLICA

Nota da Autora

Jade F. Moura, graduanda no Curso de Bacharelado em Psicologia do Centro Universitário de Anápolis – UniEVANGÉLICA;

Fernando F. dos S. e Reis, psicólogo, psicanalista, mestre em Psicologia Social pela Universidade de São Paulo e professor universitário no Centro Universitário de Anápolis – UniEVANGÉLICA.

Resumo

Este artigo pretende ser uma contribuição para o estudo do fenômeno do suicídio, visto como um ritual, que existe na tribo Sorowahá, localizada no Amazonas, pontuando como este acontece, quais as particularidades e generalidades presentes, sendo um assunto relevante pouco exposto e conhecido e de grande preocupação social para toda a sociedade brasileira. Com o objetivo de compreender este fenômeno, através da articulação de contribuições teóricas de Emile Durkheim e do psicodrama, desenvolveram-se algumas reflexões sobre o mesmo, as quais poderão contribuir para estudos futuros.

Palavras-Chave: suicídio, ritual, sorowahá, psicodrama

O fenômeno do suicídio na tribo Sorowahá: particularidades e generalidades

Segundo Roy, citado por Oliveira e Neto (2002), “o suicídio, definido pelo CID – 10 (X-60 a X-84) como um óbito derivado de “lesões autoprovocadas intencionalmente” por diversos métodos, relaciona-se etiológicamente com uma gama de fatores, que vão desde os de natureza sociológica, econômica, política, religiosa, cultural, passando pelos psicológicos e psicopatológicos, até os genéticos e biológicos” (p. 5). Com isso, é possível afirmar que o suicídio é multideterminado, podendo ser concretizado de diversas maneiras.

Emile Durkheim (2000) em sua obra o “O Suicídio”, define este tema como “chama-se suicídio todo caso de morte que resulta direta ou indiretamente de um ato, positivo ou negativo, realizado pela própria vítima e que ela sabia que produziria esse resultado” (p. 14).

Oliveira e Neto (2002), afirmam que:

Emile Durkheim, emérito sociólogo do final do século passado, em seu estudo clássico sobre o suicídio, objetivou a compreensão de um fenômeno que era visto até então como disperso e aleatório. Concluiu que: ‘a taxa de suicídio varia inversamente com a integração dos grupos sociais dos quais os indivíduos fazem parte’. (p. 2)

Quanto maior a integração dos grupos sociais que o indivíduo faz parte menor a chance de ocorrer o suicídio e vice-versa. Conforme Machado e Santos (2015) “o suicídio é uma das principais causas de morte no mundo, com 1 milhão de óbitos anuais por esse evento” (p. 46). Os autores afirmam ainda que o tema em questão apresenta um número de 158.852 óbitos no Brasil entre 1980 e 2006 e é a terceira causa de óbitos por motivos externos nomeados. A partir desses dados é visível o quanto o suicídio é um assunto relevante, o qual merece atenção.

Segundo Grossman, Milligan e Deyo, citados por Oliveira e Neto (2002) em relação ao suicídio, “entre todas as comunidades étnicas, os povos nativos indígenas possuem as piores estatísticas” (p. 7). Diante dessa pontuação, percebe-se a relevância do estudo, buscando entender os motivos desses acontecimentos e quais as consequências que geram e a necessidade de se refletir sobre a importância que a população indígena representa para o Brasil, pensando também em estratégias de prevenção.

Dentre os povos nativos, esse trabalho terá como objeto de estudo a tribo Sorowahá, que pode ser chamada também como Suruwahá ou Zuruahã, devido esta apresentar uma realidade que se difere das outras: o ritual de suicídio. Oliveira e Neto (2002), quanto ao

suicídio, afirmam que “a situação mais crítica já descrita está entre o grupo indígena Sorowahá, do ramo linguístico Arawá (ou aruaque)” (p. 8). A tribo em questão fica localizada no Amazonas, as proximidades dos igarapés Riozinho e Coxodoá, vivem principalmente da pesca, da caça e do cultivo de alimentos. Segundo Poz (1999) até a década de 70, esta população vivia em isolamento no Brasil. Os Sorowahá vivem numa casa denominada oda, a qual não possui divisórias internas e paredes laterais, ou seja, cada família mora de forma aleatória e emaranhada dentro deste lugar. A casa é sempre do homem que a construiu, chamado por eles de anidawa, o qual fica responsável pela reparação da mesma quando necessário, sendo construir casas um atributo masculino.

Poz (1999) descreve que anidawa não está ligado somente ao papel do homem em relação ao lar, envolve relações como propriedade da roça, liderança nas pescarias e caças coletivas e posse de objetos de valor. Não foi visto ainda, entre os Sorowahá, um líder político que exerce poder sobre toda a população, mas é claro a importância da figura masculina na mesma.

A sociedade Sorowahá tem em sua realidade um aspecto particular, que conforme Vaz (2008, p. 9) “é a regularidade da morte voluntária por meio de ingestão de Konoha (timbó, variedade de planta largamente usada para envenenamento de peixes entre grupos indígenas sulamericanos)”. A utilização do timbó pode ser devido a ser algo familiar a tribo, de fácil acesso e de grande conhecimento da mesma.

Para Dias (1996):

Cada cultura apresenta particularidades específicas e, por consequência, uma maneira diferente de adoecer, morrer ou recusar-se à vida. Assim, os modelos de comportamento individuais variam de cultura para cultura. Uma cultura pode, de formas distintas, favorecer ou chegar a incentivar o suicídio. (p.98)

A partir dessa afirmação, é possível se pensar que a cultura indígena é de alguma forma influenciadora das ocorrências dos suicídios, em especial a tribo Sorowahá, devido ao alarmante número de suicídios. Um dos grandes fatores que pode ser considerado como influenciador na tribo deste estudo é a forma que acreditam que a melhor forma de se morrer é morrer jovem. A partir desse acreditar os mesmos se veem na necessidade de autoextermínio jovem, tendo em mente que estão agindo de forma correta. Outros fatores influenciadores podem estar relacionados em como a velhice não é vista com bons olhos pela tribo, havendo até pelos demais da tribo uma certa indiferença ao se relacionarem com os índios que se encontram nessa fase da vida. Os jovens índios partindo da ideia de não quererem passar pela realidade da velhice Sorowahá escolhem se recusar-se a vida.

Relacionando ainda o suicídio e cultura Botega (2015) ressalta que crenças relacionadas a vida, e sobre haver ou não vida após a morte são influenciadas diretamente pelos diferentes tipos de culturas e religiões, sendo que sociedades que possuem uma crença aceitável sobre o suicídio, de maneira explícita ou não, são menos proibitivas justificando o mesmo através de algum tipo de sofrimento psíquico e físico do que populações que consideram como um ato criminoso ou pecado.

Segundo Vaz (2008) os suicídios que acontecem na tribo Sorowahá são justificados por diversos sentimentos, como a raiva (zawari), a afeição (kahy), a vergonha (kahkomy), a saudade (kamonini). É possível relacionar estas justificativas como forma de impulsionar novos acontecimentos de suicídios, por exemplo, a morte de um índio pode gerar em outro membro Sorowahá esses sentimentos, levando o mesmo a escolha de retirar a própria vida.

A realidade da tribo em questão será trabalhada aqui a partir de um olhar psicológico. Este estudo terá como objetivo compreender o suicídio na tribo Sorowahá a luz da abordagem psicodramática, de Jacob Levy Moreno.

Abordagem que se baseia na fenomenologia existencial, e tem como principal ponto a dramatização, e busca que o paciente se torne protagonista de sua própria história. No livro “Lições do Psicodrama”, Gonçalves, Wolff e Almeida (1988), discorrem sobre a visão de homem para Moreno, no qual o homem nasce espontâneo, criativo e sensível, e os contextos sociais são o que vão deturpando o ser humano.

Dalmiro Bustos é um reconhecido psicodramatista, e em seu livro “O Psicodrama: Aplicações da técnica psicodramática” discorre sobre o psicodrama, criado por Moreno. O objetivo desta abordagem é trabalhar com a ação. Bustos (2005) afirma que “a denominação psicodrama corresponde a uma das técnicas, baseadas na ação, que se encontra incluída em uma obra muito mais ampla, que se denomina sociometria” (p. 29). Sociometria, segundo o mesmo autor “é a ciência das relações interpessoais” (p. 29).

Uma grande contribuição que o psicodrama de Moreno traz para a psicologia é a teoria de papéis Bustos (2005), cita Moreno, o qual afirma que “os pontos de cristalização concreta do ego são os papéis nos quais se manifesta” (p. 30), ou seja, os papéis influenciam na formação do ego através das trocas com o meio e papéis dizem respeito a posições, formas de ser que a pessoa representa em diferentes situações. A relação do ego e o mundo externo se dá através dos papéis que a pessoa exerce. As relações interpessoais acontecem pelo contato entre papéis, sendo que os papéis que a pessoa exerce influenciam o outro e vice-versa.

O suicídio e contribuições teóricas

Segundo Oliveira e Neto (2000), para Roy o suicídio diz respeito ao ato de tirar a própria vida de forma voluntária, ou seja, a pessoa tem consciência de que o seu ato poderá levar à sua morte.

Durkheim em sua obra “O Suicídio” discorre sobre os tipos de suicídios que intitulou, os quais são: o suicídio egoísta, o suicídio altruísta e o suicídio anômico. Segundo Durkheim (2000), o suicídio egoísta é aquele que ocorre devido a individuação excessiva, ou seja, devido ao desligamento do homem perante seus laços e papéis sociais. Os casos mais comuns são devido à aposentadoria e perdas familiares e nesse quadro, estão mais suscetíveis os idosos. O suicídio altruísta é aquele que ao contrário da individuação excessiva, o indivíduo não possui individuação alguma, este é integrado de forma excessiva à sociedade, não sabendo se separar da mesma, de forma que o seu eu se funde à sociedade, não havendo a separação saudável. Já o suicídio anômico está relacionado a transformações sociais que o indivíduo passa e não consegue de certa forma aceitar e se reinventar, como também, a períodos de crises sociais, como, por exemplo, o desemprego.

Botega (2014) afirma que:

O suicídio figura entre as três principais causas de morte de pessoas que têm de 15 a 44 anos de idade. Segundo os registros da Organização Mundial de Saúde (OMS), ele é responsável anualmente por um milhão de óbitos (o que corresponde a 1,4% do total de mortes). (p. 231)

O mesmo autor afirma “a cada 45 segundos ocorre um suicídio em algum lugar do planeta. Há um contingente de 1.920 pessoas que põem fim à vida diariamente” (p. 231). Sendo que as principais formas que se acontece o suicídio, segundo Lovisi et al., citado por Botega (2014), é por meio do enforcamento, que representa o maior índice, seguido por armas de fogo e em terceiro o envenenamento.

Segundo Botega (2014) o Brasil se destaca entre os dez países em que mais ocorrem suicídios. Segundo Marín-León et al.; Minayo, Pinto, Assis, Cavalcante, & Mangas (2012), citado por Botega (2014) em relação ao suicídio “estudos epidemiológicos realizados nas duas últimas décadas confirmam taxas mais elevadas em homens, idosos, indígenas e em cidades de pequeno e de médio porte populacional” (p. 232).

Este trabalho também fundamenta-se no referencial teórico psicodramático, desenvolvido por Jacob Levy Moreno, que nasceu na cidade Bucarest na Romênia de acordo com Gonçalves, Wolff, Almeida (1988), e era de origem judaica. Os mesmos autores ressaltam uma grande contribuição de Moreno contida em sua abordagem, a espontaneidade, que diz respeito às respostas novas e criativas que podemos dar a situações que acontecem no dia a dia em diferentes contextos sociais.

Moreno acredita que em todo o desenvolvimento do homem, este traz consigo tendências favoráveis e não destrutivas. Porém, ao decorrer da vida situações cotidianas desajustadas podem perturbar essa realidade. Quando essa realidade é deturpada, Moreno acredita que é através das relações afetivas, da ação transformadora sobre o meio que pode haver mudança positiva. Um fator que pode influenciar no desenvolvimento humano é uma teoria também criada por Moreno, a conserva cultural.

Conserva é entendida como conservar algo, que na teoria psicodramática está ligada com o cultural, ou seja, conservar algo cultural. Moreno (1975) afirma “a espontaneidade e a conserva cultural não existem em forma pura: uma é função, é parasita da outra” (p. 156). Entendendo a primeira como vivenciada no aqui e agora, impulsionando o indivíduo a respostas novas e criativas frente a novas situações, a segunda diz respeito a respostas mecanizadas, agindo como uma barreira a espontaneidade. Comportamento esse justificado por crenças existentes advindas de determinada cultura que se firmam ao longo do tempo, engessando a forma como determinado ser humano irá agir em novas situações, muitas vezes de forma inconsciente.

Segundo Moreno (1975) “a conserva cultural presta ao indivíduo um serviço semelhante ao que, como categoria histórica, presta à cultura em geral - continuidade e herança - assegurando para ele a preservação e continuidade do seu ego” (p. 157). Ainda, o mesmo autor diz “uma conserva cultural’ é a matriz, tecnológica ou não, em que uma ideia criadora é guardada para sua preservação e repetição” (p. 175). Sendo que podem existir duas formas de conservas, a conserva tecnológica que se dá a partir de filmes, livros, e a conserva humana, existindo através do organismo humano.

Bustos (2005) afirma “o objetivo da ação é reabrir a significação do nível simbólico de comunicação, nunca prescindir dele” (p. 41). Assim, o psicodrama trabalha tanto com a ação, como, com técnicas verbais.

Para Moreno é através da arte do encontro e da empatia, reconhecimento mútuo, envolvendo um compromisso emocional, que é possível haver um processo de mudança.

De acordo com Moreno, citado por Bustos (2005):

Um encontro entre dois: olho a olho, cara a cara, e quando estiveres perto arrancarei teus olhos, e os colocarei no lugar dos meus, e tu arrancarás meus olhos, e os colocarás no lugar dos teus. Então te olharei com teus olhos e tu me olharás com os meus. (p. 41)

Um olhar psicodramático sobre o suicídio e a tribo Sorowahá

Sobre um olhar psicodramático relacionado ao tema do trabalho em questão, o qual é o suicídio, Dias (1996), afirma que “o suicídio é um dos temas que mais angustiam os terapeutas” (p. 75). O mesmo autor ressalta que no momento que aparece o tema suicídio na psicoterapia, esse precisa ser levado como prioridade, não importa a circunstância.

Na obra “A quintessência de Zerka” Zerka Moreno (2008) discorre sobre o suicídio na visão do psicodrama a partir da sociometria no capítulo intitulado “Prevenção do suicídio pela intervenção sociométrica perceptual”. Segundo a autora, o suicídio “em termos sociométricos, podemos dizer que o tele, que conecta o indivíduo com os demais, foi eliminado” (p. 284).

Ainda, sobre tele a autora (2008) discorre que:

Tele é um conceito introduzido por J. L. Moreno que transcende as ideias de empatia e de transferência por englobar a ambos e acrescentar outra dimensão, que envolve mutualidade. Tele sempre tem a ver com a conexão entre pelo menos duas pessoas. Implica a capacidade de se colocar no lugar do outro, de representar as perspectivas do outro e incluir essas perspectivas em relação a si mesmo. A inversão de papéis é um conceito criado dentro do contexto psicodramático e se relaciona com a capacidade de tele. (p. 284)

Relacionando o significado de tele com o suicídio, é possível afirmar que todo o indivíduo que cometeu suicídio ou uma tentativa de suicídio tem sua capacidade de empatia, transferência e mutualidade nula, este não consegue ter uma relação saudável com o outro, não consegue se colocar no lugar do outro como também não consegue se perceber. O indivíduo se vê desconectado com os demais, sozinho, não encontrando assim algum sentido pra se viver, sendo que a relação com o outro é necessária no dia a dia do ser humano.

Zerka Moreno (2008) também discorre sobre o átomo social em sua obra, sendo este, os relacionamentos que possuem algum tipo de significado na vida do indivíduo, que são analisados a partir da mutualidade. Esta mutualidade tem três formas de se comportar:

positiva, negativa ou neutra. Ainda, o átomo social do indivíduo pode ser equilibrado ou desequilibrado, o primeiro diz respeito a um indivíduo emocionalmente saudável, o segundo, o contrário. A partir do exposto, pode-se concluir que o indivíduo que comete suicídio ou uma tentativa possui um átomo social desequilibrado, ou seja, não está emocionalmente saudável.

Dentro da realidade do suicídio, Oliveira e Neto (2002) citam Grossman, Milligan e Deyo (1991), os quais afirmam que em relação ao tema em questão os povos indígenas apresentam os maiores números de casos registrados.

No Brasil, segundo Oliveira e Neto (2002), “a Fundação Nacional de Saúde computou 6.594 casos no território nacional, em 1995, sendo a maior taxa entre a população de 20 a 39 anos” (p. 8). Os autores citam tribos onde o suicídio é presente, como, por exemplo, os Guarani-Apapakuva, os Urubu-Kaapor, os Paresi, os Yanomami, os Ticuna e a tribo que é foco deste trabalho, os Sorowahá, os quais apresentam as piores estatísticas, que segundo Vaz (2008) “em janeiro de 1996, os Zuruahã somavam 144 pessoas. Não obstante recuos em determinados anos, sua população vem crescendo em ritmo lento desde 1980, quando eram pouco mais de cem” (p. 6).

O que chama atenção na tribo Sorowahá, é o chamado ritual do suicídio, o qual segundo Poz (1999) acontece a partir de um gatilho negativo que acontece com determinado indivíduo da tribo, como, por exemplo, um parente deste adoece e morre. Este índio a partir desse acontecimento, vai até a sua maloca e destrói tudo que lhe pertence, como uma forma de descarregar as suas emoções e mostrar aos demais que está decidido a recusar-se de viver. Feito isso, o mesmo sai correndo da maloca e vai até um local em sua região que sabe que irá encontrar o timbó, ao encontrar o ingere e volta correndo ao encontro de sua tribo. Alguns nem conseguem chegar até a tribo, morrem no caminho, já o que consegue chegar é socorrido pela sua tribo, que o leva para a maloca e o deita e fazem o que sabem, utilizando de seus recursos naturais, para salvar a vida dos mesmos. Durante esse processo de salvar, a população Sorowahá fica enfurecida com o índio que está tentando o autoextermínio e começam a gritar e até direcionam xingamentos ao mesmo. Ainda, muitos índios que fazem esse ritual conseguem ser salvos pela tribo, como também muitos chegam a óbito. E uma morte pode desencadear outra, como, por exemplo, se determinado índio não consegue ser salvo pela tribo, e sua mãe entra em um luto profundo, este pode ser um gatilho para a mesma realizar o ritual do suicídio.

Fank e Porta (1996) citados por Vaz (2008) descrevem que os Sorowahá acreditam que “Quando alguém morre, o seu coração/alma abandona-o e, nas águas fundas dos igarapés, espera a chegada das chuvas, quando então desce os rios maiores e salta para mergulhar o céu” (p. 11).

Gunter Kroemer (1994) citado também no autor anterior, discorre sobre os três caminhos existentes e distintos posteriormente a morte segundo os Sorowahá, o primeiro é o mazaro agi, o caminho da morte, o qual é o dos que falecem devido a velhice e é um percurso do sol, o segundo é o konaha agi, caminho do timbó, respectivo as pessoas que cometeram suicídio, sendo a trajetória da lua, já o terceiro é o koiri agiri, caminho da cobra, seguem por este as pessoas que morreram tendo como causa picada de cobra, o rastro do arco-íris. Para os membros dessa tribo os que escolhem o caminho da morte, o percurso do sol, resulta na morada do ancestral Tiwijo, que se encontra a lesta, já o caminho de timbó, proporciona que suas almas reencontrem seus entes queridos e vivam como o povo do timbó, os autênticos Konahamady, e as vítimas fatais de picada de cobra ficam em um espaço intermediário, que é o próprio arco-íris.

O caminho que leva ao Tiwijo é tido pelos Sorowahá como difícil, não tem paz nem sentido, a velhice é vista pelos mesmos como algo que apodrece, visão que influencia diretamente os membros escolherem o caminho da juventude, o qual segundo Fank e Porta (1996), citado por Vaz (2008), é uma escolha que possibilita uma vida tranquila, positiva, sem precisar de esforços. Para esta população o caminho de timbó é “Um mundo tomado pelas águas, segundo eles, onde as almas comem apenas raízes de timbó, e se transformam em peixes, seu destino final” (p. 12). É claro que a partir das crenças que permeiam a cultura da tribo o melhor caminho a ser escolhido é o caminho do timbó, mesmo que para chegar até ele seja preciso morrer jovem e tirar a própria vida. Sendo assim, justifica-se o grande número de suicídios recorrentes em busca de um caminho melhor após a morte.

Trazendo essa realidade da tribo em questão para a abordagem psicodramática, Bustos (2005) discorre sobre as três coordenadas que fazem parte da estrutura do pensamento segundo Moreno, que são a matriz, locus e status nascendi, as quais fazem parte de tudo no universo. A matriz está relacionada a origem, ou seja, como algo se originou, já o locus são fatos particulares que geraram a matriz, circunstâncias as quais a matriz se nutre, e o status nascendi é o processo de estruturação. Na tribo Sorowahá, a matriz que originou o suicídio é a crença de que morrer jovem é o correto, a qual se nutre pelo ritual de suicídio que acontece de forma recorrente com a ideia de que ao morrerem vão ir para o céu, tendo

como caminho, o caminho de timbó, o qual reencontram seus parentes, além de não apodrecerem, ritual este que foi criado pela própria tribo para a realização da matriz, e o status nascendi, o processo que estrutura o suicídio são os fatores negativos que acontecem na vida de um índio desta tribo que o leva a autoextermínio, como também, o fato do índio idoso ser tratado de forma inferior dos demais, ou seja, os fatores que estruturam o ritual e colocam em prática a crença.

Tendo como base o ritual do suicídio e a crença que há por trás disso, a qual morrer jovem é a melhor forma de se morrer e analisando isso a partir da teoria de papéis do psicodrama exposta anteriormente, o jovem que exerce esse ritual está exercendo um papel, o de tentar o autoextermínio através de um ritual aprendido pela cultura da tribo em que vive, papel esse que influencia de forma direta os demais que convivem com o mesmo, podendo levar como consequência o outro a exercer o mesmo. Considera-se também o papel que o idoso representa nessa tribo, que não é positivo, pois este não morreu jovem e não é tratado de forma igualitária aos demais, sendo uma influência, de forma que o jovem ao presenciar essa prática tome pra si que não quer viver a velhice Sorowahá e o influencie a escolher pelo papel de morrer jovem, levando-o a decidir por não mais viver. Além do fato de que, ao morrer uma pessoa desta população, sendo através do suicídio ou não, o papel que ela exercia na tribo deixa de existir, podendo gerar em outros membros próximos diversos sentimentos negativos que podem agir como gatilhos a tomadas de decisões pelo autoextermínio. A realidade do ritual de suicídios é como um ciclo.

Prova que este ciclo está presente nos Sorowahá e que é resultante de diversos conflitos presentes na rotina dos membros, Vaz (2008) descreve alguns casos, como em 1985, em que uma jovem cometeu suicídio devido a uma rejeição por parte da sogra, posteriormente sua irmã e cunhada fizeram o mesmo. Em 1986, um membro da tribo suicidou pelo fato de ter sido frustrado por sua esposa não ter lhe feito comida, resultando também logo depois no suicídio de um amigo e de seu pai. Em 1987, uma mãe e um amigo de um índio que cometera suicídio porque outros membros da tribo haviam reclamado das fezes do seu cachorro, também cometeram suicídio. Neste mesmo ano, duas jovens ingeriram o timbó porque a avó de uma havia advertido por deslizos sexuais, levando a morte também de um irmão. Em 1989, uma menina faleceu por picada de cobra, o que levou ao pai viúvo e sobrinhos do mesmo ao suicídio, sendo que um tinha 14 anos e o outro era casado. Posteriormente, a viúva do sobrinho casado, a sua irmã e o pai do rapaz morreram. Em 1996, houve uma sequência de suicídios devido a morte um homem por picada de cobra, quatro mulheres, sendo duas moças solteiras e dois homens casados.

Tendo estes exemplos, é possível relacionar com a contribuição de Zerka Moreno acerca do sentido de tele e do átomo social, ou seja, é nítido o quanto a falta do outro, o se sentir sozinho e possuir um átomo social desequilibrado, o qual pode ser explicado pelos conflitos e crises que permeiam os Sorowahá, não encontrando sentido assim de sua existência, são fatores presentes, corriqueiros e determinantes para a prática do ritual que leva ao extermínio.

Bustos (2005) afirma que é necessário na construção da maturação do eu, uma diferenciação entre o eu e o outro e mundo interno e externo, sendo que sem esse processo o mundo das relações se torna confuso, conturbado, não existindo limites entre o eu e o outro, resultando também na falta de consciência de vínculos, a qual está diretamente ligada aos papéis. Refletindo a teoria em relação aos indígenas Sorowahá, entende-se que estes que tentam ou cometem suicídio não possuem uma saudável maturação do eu, conseqüentemente, não conseguem separar o seu eu do outro, seu mundo interno do externo, trazendo pra si o que é do outro e vice-versa e o que é do mundo externo para seu mundo interno.

Em relação à espontaneidade descrita por Moreno, citada anteriormente neste estudo, é possível inferir que os habitantes da tribo Sorowahá perderam sua espontaneidade, porque estes não possuem respostas novas e criativas a situações em que são expostos, como, por exemplo, a partir de qualquer situação negativa, problema, o índio da tribo em questão tende a dar a mesma resposta, dada anteriormente por outro índio, a qual é praticar o ritual de suicídio. Realidade essa que também pode ser entendida e influenciada pela conserva cultural presente nos Sorowahá, que impossibilita o desenvolvimento da espontaneidade, agindo como uma barreira a mesma. A crença presente na tribo impulsiona os participantes da mesma a agirem de forma repetitiva e mecanizada frente a novas situações, através do ritual de suicídio, de forma até inconsciente na maioria das vezes, podendo ser considerada como uma conserva cultural humana.

A situação da tribo Sorowahá segundo Oliveira e Neto (2002) é dramática:

Sobre os Sorowahá, segundo João Dal Poz (1999), de 1980 a 1995 houve entre eles um total de 38 óbitos por suicídio – 18 homens e 20 mulheres –, em meio a uma população média de 123,6 pessoas. Durante o mesmo período, nasceram 101 crianças e morreram 66 pessoas ao todo. De um lado, portanto, uma alta taxa de natalidade (cerca de 6,3 nascimentos anuais); de outro, um crescimento demográfico pouco expressivo, em torno de 1,9% ao ano. Quanto aos fatores de mortalidade, preponderam dois mecanismos eminentemente sociais: o infanticídio (5 casos, todos do sexo feminino, ou 7,6% do total das causas mortis) e, sobretudo, a intensa prática de suicídio por envenenamento (38 casos, ou 57,6% do total) (p.99).

O fato é que nascem muitas crianças, mas morrem pessoas numa escala quase epidêmica. A realidade é preocupante, sendo necessária uma reflexão crítica social acerca do suicídio que acontece na tribo Sorowahá, levando em consideração a particularidade presente nesta situação.

Considerações Finais

O objetivo deste trabalho foi discorrer como o suicídio acontece na tribo Sorowahá e o significado que este possui para a mesma, e a partir disso fazer uma comparação com o suicídio de forma geral buscando entender quais as generalidades entre ambos e também o que é de particular na tribo Sorowahá. O tema em questão teve como base teórica a abordagem psicodramática, ou seja, o psicodrama.

Os suicídios recorrentes na tribo Sorowahá possuem por trás uma crença relativa a cultura da mesma, que também segundo o psicodrama se refere a matriz, a de que morrer jovem é a forma mais positiva, sendo este o significado para o autoextermínio, ou seja, para um índio desta tribo escolher por retirar a própria vida jovem significa estar morrendo da forma mais correta. Matriz essa que é nutrida através do ritual de suicídio criado pela própria tribo, tendo como processo de estruturação (status nascendi), os fatores negativos que são o gatilho para os habitantes da Sorowahá exercerem o ritual. Alguns desses fatores, a partir da teoria de papéis do psicodrama faz entender que cada membro desta tribo ao realizar o ritual está exercendo um papel e pode influenciar outro índio a exercer o mesmo. Outro papel que pode influenciar é o do idoso nesta tribo, o qual não é positivo.

Segundo Zerka Moreno (2008) o indivíduo que tenta ou comete suicídio não possui empatia, transferência, mutualidade alguma, ou seja, não se relaciona de forma saudável e necessária com os outros, não vê sentido em sua existência.

Sobre o átomo social de determinada pessoa, este pode ser equilibrado ou desequilibrado, sendo que o desequilibrado é relacionado a pessoa que não está emocionalmente saudável, podendo se dizer então que o indivíduo que tenta ou comete o autoextermínio possui um átomo social desequilibrado. Estas considerações feitas por Zerka Moreno são cabíveis a qualquer indivíduo, tanto da sociedade em geral, como aos habitantes da tribo Sorowahá, podendo ser consideradas generalidades.

Outra generalidade que pode ser considerada é a forma que se utiliza para realizar o suicídio, que é através do envenenamento.

As particularidades que permeiam o suicídio na tribo Sorowahá são a crença que motiva o suicídio, e a forma como acontece, que é através de um ritual criado pela tribo, sendo que ambas fazem parte da cultura da mesma.

O ritual de suicídio que acontece na tribo Sorowahá é algo recorrente, resultando em diversas vítimas, portanto é um tema de preocupação social. Este estudo realizado pode auxiliar demais trabalhos que envolvam o mesmo assunto.

Referências

- Botega, N. J. (2014). *Comportamento suicida: epidemiologia*. Departamento de Psicologia Médica e Psiquiatria da Faculdade de Ciências Médicas da Universidade Estadual de Campinas, Campinas, SP, Brasil. Recuperado de <http://www.scielo.br/pdf/pusp/v25n3/0103-6564-pusp-25-03-0231.pdf>
- Botega, N. J. (2015). *Crise suicida: avaliação e manejo*. São Paulo: Artmed.
- Bustos, D. M. (2005). *O psicodrama: aplicações da técnica psicodramática* (3ª ed). São Paulo: Editora Ágora.
- Dias, V. R. C. S. (1996). *Sonhos e psicodrama interno na análise psicodramática*. São Paulo: Editora Ágora.
- Durkheim, E. (2000). *O Suicídio*. São Paulo: Martins Fontes.
- Ferreira, H. M. (2004). *Compreensão da tentativa de suicídio a partir de um referencial teórico humanista-existencial*. Brasília: UNICEUB.
- Gonçalves, C. S., Wolff, J. R., & Almeida, W. C. (1988). *Lições do Psicodrama: introdução aos pensamentos de J. L. Moreno*. São Paulo: Editora Ágora.

Machado, D. B., & Santos, D. N. (2015). *Suicídio no Brasil, de 2000 a 2012*. Universidade Federal da Bahia (UFBA), Instituto de Saúde Coletiva (ISC). Recuperado de <http://www.scielo.br/pdf/jbpsiq/v64n1/0047-2085-jbpsiq-64-1-0045.pdf>

Moreno, J. L. (1975). *Psicodrama*. São Paulo: Editora Cultrix.

Moreno, Z. (2008). *A quintessência de Zerka*. São Paulo: Editora Ágora.

Oliveira, C. S., & Neto, F. L. (2002). *Suicídio entre povos indígenas: um panorama estatístico brasileiro*. Revista Psiq. Clín. Recuperado de <http://www.scielo.br/pdf/rpc/v30n1/20583.pdf>

Poz, J. D. (1999). *Crônica de uma morte anunciada*. UFMT. Recuperado de <http://www.scielo.br/pdf/%0D/ra/v43n1/v43n1a03.pdf>

Vaz, A. (2008). *Missão. O veneno lento e letal dos Sorowahá*. CGII – FUNAI. Recuperado de brasil.indymedia.org/media/2008/07/425032.pdf